

NÃO HÁ DOCÊNCIA SEM DISCÊNCIA: A IMPORTÂNCIA DO DIÁLOGO NO APRENDIZADO

Rogério Schmidt Campos; Claudia Lee Williams Fonseca

Estudante de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social – Email: indelevel@gmail.com

Resumo: Este trabalho é constituído por reflexões sobre a docência em uma universidade pública a partir da experiência de um estágio-docência realizado no primeiro semestre de 2010, na disciplina Família e Parentesco do curso de graduação de Ciências Sociais, ministrada pela Professora Denise Jardim na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Palavras-Chave: docência; graduação; antropologia; CAPES-REUNI.

Introdução

Compartilhar conhecimento é uma tarefa árdua. O medo de errar, de desmotivar ou mesmo de simplesmente emudecer aterroriza até mesmo os mais experientes professores. Enquanto neófito posso assegurar que o temor é eminente. Passar de aprendiz, após algumas décadas, a mestre não é um processo tão natural quanto comumente relatado e espero que, mesmo na condição de mestre, sempre tenha em mente a riqueza do aprendizado em sala de aula. Graças à oportunidade de participar, pela segunda vez, de um estágio-docência¹, volto a refletir sobre a importância do ensino, neste caso em uma universidade federal.

A partir da atual experiência enquanto estagiário-docente muitas reflexões têm emergido sobre meu papel de estudante, antropólogo, pesquisador e, principalmente, cidadão. Compartilho com Paulo Freire a importância para a formação de cidadãos dessa vivência grandiosa:

É preciso que [...] desde os começos do processo, vá ficando cada vez mais claro que, embora diferentes entre si, quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado. É neste sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos, nem *formar* é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. (Freire, Paulo 25:1996)

A experiência tratada neste relato diz respeito à minha segunda empreitada como estagiário-docente. Agora como aluno do doutorado em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul auxiliando a Professora Denise Jardim na disciplina Família e Parentesco, ministrada para alunos de graduação. Estas reflexões pretendem reiterar alguns dos ensinamentos de Paulo Freire sobre a importância do diálogo e respeito à alteridade para a construção de um ambiente de aprendizado transformador e democrático.

¹ O estágio-docência é condição da aquisição da bolsa CAPES-REUNI e do currículo da pós-graduação em Antropologia Social.

Metodologia:

A observação participante, enquanto metodologia herdada dos etnógrafos clássicos, requer de seus praticantes experimentar, tanto física quanto intelectualmente, um intenso processo de tradução. Diante da sublimidade da experiência com a alteridade, suas complexas relações de múltiplas subjetividades e constrangimentos políticos, o ensino passou a encenar uma estratégia de autoridade, que envolve uma afirmação no intuito de provedora de uma verdade em sua ação. A produção do conhecimento emerge e é enunciada por um indivíduo.

Essa produção, realizada a partir da observação-participação, parece tanto obscurecer quanto revelar uma experiência. Sua tarefa de transcrição textual e da tradução conjuntamente ao papel dialógico crucial de intérpretes e informantes foram relegadas a uma segunda importância, ou mesmo desprezadas. A *autoridade experiencial* (Clifford, 2002:34) decorrente baseia-se em uma sensibilidade à alteridade, aguçada à forma, tom, gesto e estilos de comportamento, ou mesmo à compreensão dos impoderáveis da vida em sala de aula.

A entrada no universo expressivo da alteridade é dependente de formas estáveis às quais a compreensão pode sempre retornar. A exegese dessas formas fornece o conteúdo de todo conhecimento sistemático histórico-cultural, e esse tipo de leitura – ou exegese – não ocorre sem uma intensa participação pessoal, a agência de familiarizar-se em um universo comum. Sendo assim, o papel do educador é de proporcionar um diálogo, ato imprescindível para deslocar, na medida do possível, o eixo da autoridade estruturada e aumentar a participação e interesse de todos os observadores participantes.

Resultados e Discussão:

Durante meu mestrado em Antropologia Social pela Universidade de Brasília (UnB) concluído em 2009, como bolsista da CAPES fui recomendado a dividir a sala de aula com algum professor, na condição de estagiário-docente. Na oportunidade pude participar da aula da professora Marcela Stockler Coelho na disciplina obrigatória para a graduação Teoria Antropológica Dois. Minha participação não foi extensa, devido à minha inexperiência e insegurança no papel de docente. Participei da discussão sobre a elaboração do programa, das formas de avaliação, distribuição de tarefas e resultados finais somente como ouvinte. Tive, por fim, a oportunidade de ministrar três aulas. Vale lembrar que dessa experiência uma memória latente é a de que minha participação mostrava-se qualitativamente superior quando a professora se encontrava em sala de aula, pois o peso da responsabilidade era dividido e o diálogo fluía com mais facilidade.

Esse passo me permitiu avaliar e valorizar o papel dos meus mestres diferentemente, bem como observar as minúcias e técnicas dos mesmos. Enquanto estudante passei a participar mais nas disciplinas, instigar mais discussões e me envolver com os processos e dinâmicas acadêmicas.

No estágio-docência iniciado em março de 2010, procuro colocar em prática os ensinamentos da experiência relatada acima, tanto no que concerne à constante eliminação de barreiras de autoridade, quanto no respeito à alteridade - que não se mostra evidente, requerendo um exercício cuidadoso de conhecimento mútuo. Tive a oportunidade de ministrar uma aula sobre a influência do feminismo no estudo antropológico de parentesco. Na oportunidade pedi para a professora que estivesse presente em sala de aula, tanto para facilitar meu diálogo como os estudantes – pois não me veriam enquanto docente, senão enquanto um

colega com um pouco mais de experiência – quanto para que pudesse me avaliar em relação ao conteúdo e me ajudar caso o silêncio imperasse. A aula transcorreu amenamente e pude notar que alguns alunos que outrora vira calados, manifestaram-se de forma corriqueira, mostrando interesse e soltura diante das barreiras historicamente impostas.

Conclusões:

Dentre os muitos ensinamentos de Paulo Freire sobre o ato de ensinar, gostaria de reiterar o que considero mais pertinente à discussão deste relato: a de que “ensinar exige disponibilidade para o diálogo” (Freire, Paulo. 152:1996). Tal afirmação não somente fortalece alguns dos motes defendidos nesta discussão, como o respeito à alteridade e a construção de conhecimento, como nos coloca o desafio de reestruturação de estruturas e metodologias que possibilitem uma educação mais dialógica, participativa e democrática.

Agradecimentos:

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) a qual por meio do Programa de Apoio aos Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni) me proporciona a oportunidade de participar desse estágio-docência. Ao NACI (Núcleo de Antropologia e Cidadania), em especial às professoras Denise Jardim e Claudia Fonseca. Aos alunos da disciplina Família e Parentesco do primeiro semestre de 2010.

Bibliografia:

Freire, Paulo – **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra. 1996.

Clifford, James – **A Experiência Etnográfica.** Rio de Janeiro: UFRJ. 2002